



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 184-197, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA SURDA EM ESCOLA INCLUSIVA¹

LANGUAGE ACQUISITION BY THE DEAF CHILD IN INCLUSIVE SCHOOL

Débora Kamila Osório Moro

RESUMO

Este artigo trata do processo de aquisição da linguagem pelas crianças surdas. O objetivo foi de averiguar o processo de aprendizagem da criança surda em sala de aula, pois, através da língua materna e língua de sinais ela terá a liberdade de se adquirir e interagir com o mundo. A metodologia utilizada foi a observações participante, sendo os sujeitos de pesquisa crianças surdas da educação infantil. Conclui-se que a Língua de Sinais para a criança surda propicia o conhecimento de suas capacidades cognitivas e sociais e a partir de uma prática pedagógica bilíngue, oferece suporte às adaptações curriculares e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais da criança surda.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Aquisição da linguagem. Criança Surda. Língua de Sinais.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA SURDA EM ESCOLA INCLUSIVA**, sob a orientação da Ma. Priscila Aparecida Moraes Henkemaier Xavier, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/2.

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens Barbosade Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

This article addresses the language acquisition process by deaf children. The objective was to ascertain the learning process of the deaf child in the classroom, because through mother tongue and sign language she will have the freedom to acquire and interact with the world. The methodology used was the participant observations, being the research subjects deaf children from early childhood education. It was possible to conclude that Sign Language for the deaf child, from a bilingual pedagogical practice, provides self knowledge of their cognitive and social skills and also offers support for curriculum adaptations and appropriate pedagogical resources to the deaf child's educational needs.

Keywords: Inclusive Education. Language Acquisition. Deaf Child. Sign Language.

Correspondência:

Débora Kamila Osório Moro. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: deborakomoro@gmail.com

Recebido em: 09 de maio de 2019.

Aprovado em: 28 de maio de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3502/2461>

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta a reflexão sobre a importância da aquisição da linguagem da criança surda na escola inclusiva. O objetivo foi investigar como se dá a aquisição da língua de sinais da criança e analisar se o espaço escolar proporciona uma interação entre a criança surda e os ouvintes, assim como na escola essa criança encontra as possibilidades para desenvolver suas habilidades com a língua de sinais. A pesquisa foi desenvolvida com crianças surdas de 0 a 3 anos de idade. Tem como abordagem qualitativa a análise dos dados coletados no campo empírico e estudos bibliográficos. Buscou compreender e analisar quais eixos são relevantes para a investigação, durante todo o período da coleta de campo.

Sabe-se que o processo da aprendizagem do surdo é espaço-visual, em que na sua prática profissional poderá utilizar de figuras, imagens e/ou atividades pedagógicas como alternativas no sentido de promover a interação em sala de aula. Estas alternativas pedagógicas podem valorizar a cultura da criança surda quando inserida no meio social. Desta maneira, é considerada uma rica possibilidade de incentivar o seu desenvolvimento cognitivo, trazendo bem-estar para a criança e agregando novas perspectivas à sua vida. Com o direito a aquisição da LIBRAS como língua natural, os surdos chegaram a uma primeira e significativa conquista, a partir da qual poderão ser os protagonistas de suas histórias (SACKS, 1998). Considerando as potencialidades dos surdos, a ideia é de viabilizar o ensino de língua de sinais para que os mesmos possam aperfeiçoar-se, sendo relevante entender o processo de ensino e aprendizagem. Na proposta da aquisição da linguagem da criança surda e escola inclusiva, necessita conhecer o que essas novas abordagens podem contribuir para mudança, não só do ponto de vista de metodologia educacional, mas também comportamental.

Conforme Skliar (1998), a educação para surdos ainda é um tema marcado por polêmicas e conflitos, devido ao conceito da inclusão, que é um tanto quanto obscuro, somado à falta de profissionais qualificados que são fluentes em língua de sinais e que tenham identificação e comprometimento com a cultura surda. Não basta simpatizar-se com a língua de sinais, necessita-se respeitar e compreender a cultura surda com uma consciência íntegra e crítica.

Nesta perspectiva, devido a estas indagações concluímos que mediante ao processo histórico-social vivido pelo povo surdo, muitas pessoas equivocam-se achando que o surdo é incapaz de aprender. Como acordo com Skliar nos mostra em registros literários estes laudos sobre a cultura surda, que tornam a desconfiança de que o surdo é ou não dotado de capacidades para aprender a sua aquisição da linguagem e cognição. Na interação, saber onde se encontrar professores experientes e materiais que contemplem as especificidades do Surdo. (SKLIAR, 2005).

2 O SURDO E SUA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO

Segundo Sasaki, (2002, p. 6-9) “surdo é o nome dado à impossibilidade e/ou dificuldade de ouvir, que podem ocorrer antes, durante ou depois do nascimento, podendo ter como causa vários fatores”. Contudo, no decorrer dos tempos, pessoas surdas buscaram a caracterizar por meio de sua cultura e língua própria, sua identidade com âmbito de serem respeitadas e compreendidas.

Ao final do século XV, destacamos o italiano Giralamo Cardamo e o monge Beneditino Pedro Ponce de Leon, que utilizava, além de sinais, treinamento da fala e leitura labial, como forma de educação para pessoas surdas. Então, educadores e cientistas deram inícios em pesquisas para o campo da educação e medicina em busca por “cura” destas pessoas, entendendo a surdez como doença, e o tratamento, seria a descoberta de algum aparelho para ouvir, como fez Alexandre Gran Bell que casou-se com uma surda e era grande defensor da educação oralista, ou seja, o treinamento mecânico da fala oral como recursos para o desenvolvimento intelectual, e também a busca por uma educação oralista, através da pedagogia de Decroly. As discussões no século XVI foram sobre uma educação que fizesse do surdo uma pessoa falante da língua oral (STROBEL, 2009).

Já no século XX Thomas Gaullaudet, um educador de surdos, trabalha, concomitantemente, com Jean Massieu e Laurent Clerc, primeiros professores surdos, em uma escola onde a base epistemológica era a comunicação total considerando a língua gestual como forma de auxiliar no uso da língua oral. Neste contexto Gullet instituiu o uso da Língua de Sinais Americana e o uso do alfabeto manual, assim fundando várias escolas e divulgando a filosofia da Comunicação Total (STROBEL, 2009).

Após o congresso de Milão, pensou-se que a melhor maneira de se ensinar o surdo seria pelo método oral. A convite de D. Pedro II, veio para o Brasil o professor francês Hernest Huet, que fundou a primeira escola para meninos surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, mantido pelo governo federal, que inovou a educação de surdos criando a Libras e sinalizando para uma educação de base bilíngue (STROBEL, 2009).

No Brasil até a década de 60, considerava-se como melhor alternativa para a educação da criança surda, o atendimento separado dos ouvintes, ou seja, longe da Educação Básica de Ensino Regular, com isso aparecem muitas escolas especiais,

onde a educação do deficiente auditivo era sob aspecto de reabilitação. Por volta da década de 80, as escolas recebem os alunos em caráter assistencialista que é retratada como uma visão problemática de questão clínica, ao invés de uma ação educacional. Nestas perspectivas, os institutos INES e o FENEIS, foram de suma importância para o processo da divulgação de uma educação bilíngue diante dos resultados alcançados na educação de crianças, jovens e adultos surdos, bem como na formação para o trabalho. Esta força resulta num respaldo legal e político-educacional na Constituição da República Federativa do Brasil (1988) que garante em seu artigo 208, inciso III “o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (Strobel, 2009).

Sabe-se que a interação do surdo no sistema regular de ensino representa um processo individual (para o aluno) e acarreta uma reorganização institucional (para a escola).

No século XXI, a nova Legislação brasileira em especial a Lei de Diretrizes e Bases na educação Nacional – LDB- EM nº 9394/96 gerada pela Constituição Federal de 1988, traz em seu bojo, um conjunto de princípios fundamentais à cidadania, onde garante o acesso ao ensino obrigatório e gratuito para todo cidadão brasileiro, no artigo 58, diz: “Entende-se por Educação Especial, para efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portador de necessidades especiais” (STROBEL, 2009).

A lei de inclusão (Lei 13.146/2015) que é decretada como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. A lei promoveu a maior conquista da comunidade surda que é o reconhecimento da Libras como língua materna dos surdos (L1), e estabelece a Língua Portuguesa como segunda língua (L2), e de modalidade escrita. Podendo, assim, jovens e crianças surdas serem instruídos na sua língua materna prioritariamente e concomitantemente aprenderem a Língua Portuguesa como modalidade escrita.

2.1 A prática pedagógica

Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. Carlos Drummond de Andrade, 1997.

A ludicidade tem papel essencial no desenvolvimento cognitivo e social da criança e é importante que o educador saiba utilizá-la nas suas atividades didático-pedagógicas, visto que, além de favorecer a aprendizagem da escrita e leitura, também, é por meio das brincadeiras que a criança descobre o seu verdadeiro papel na sociedade. O educador comprometido com o desenvolvimento da criança deverá ser um articulador na construção do saber preocupado em despertar, cada vez mais, na criança, o gosto em aprender coisas novas, levantar questionamentos e em estimular a criatividade e o raciocínio, e tudo isso acontecerá de maneira mais prazerosa e mais facilmente por meio de brincadeiras (WANDERLEY, 2012). Por meio do lúdico a criança amplia sua linguagem no momento em que interage com outra criança, com isso ela começa a compreender o mundo e a desenvolver seu processo de aprendizagem.

Para Vygotsky, o ensino sistemático não é o único fator responsável por alargar horizontes na zona de desenvolvimento proximal. Ele considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. Afirma que, apesar do brinquedo não ser o aspecto predominante da infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil. (REGO, 2000, p. 80).

Para Vygotsky (1994) todos nós precisamos ter contato com o meio social para adquirirmos e desenvolvermos o conhecimento. Sendo assim, viver em sociedade é fundamental para a transformação do homem de ser biológico em ser humano, e a criança, em seu desenvolvimento cultural, realiza-se também mediante o processo da relação de aluno com o professor ou com outros alunos. “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).” (VYGOTSKY, 1994, p. 75.).

Baseado nessa ideia, entendemos que para que as crianças surdas não sejam excluídas desse processo se faz necessário que todos os envolvidos em sua

aprendizagem aprendam a Língua de Sinais e, também, conheçam e respeitem a sua cultura.

É sabido que as crianças possuem grande facilidade de assimilação e que estão sempre em busca de novos conhecimentos, por isso, é importante que a escola esteja preparada sempre com novos desafios para estimular essas crianças a questionarem e a serem eternos pesquisadores. Isso vale, também, para o aprendizado de novas línguas, pois, de acordo com Schütz (2008) até os 12 anos de idade a criança que tiver a oportunidade de ter contato direto com outras línguas irá assimilá-la de forma eficaz assim como assimilou a sua língua materna.

A idade do indivíduo é um dos fatores que determinam o modo pelo qual se aprende uma língua. Mas as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender, e as diferenças individuais são também fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem. (FIGUEIREDO, 1997, p. 26).

Cabe ressaltar que para desenvolver essa habilidade é de suma importância o contato humano, que deve acontecer de maneira natural, em que a criança deve ser submetida em situações de autêntica necessidade, ou seja, no momento de ensinar a nova língua para a criança, como por exemplo, a Língua de Sinais, é fundamental que essa criança presencie situações reais de interação em ambiente da língua e da cultura dessa língua, além de claro, ter contato direto com surdos. É importante que o educador esteja ciente do seu papel de motivador e que respeite o ritmo de aprendizagem de cada criança (VILHALVA, 2004).

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Ensino e aprendizagem de Aquisição da Linguagem

O ensino e aprendizagem de LI, com acompanhada dos estágios curriculares supervisionado para orientar na sala de aula quanto o ensino tenha procurado a referência e o desenvolvimento entre a comunidade surda, a diversidade, cultura surda e língua de sinais, mas também observar referências no procedimento da metodologia de Língua de Sinais para surdos na educação em todas as escolas. Ou seja, no ensino de Língua de Sinais para o aluno, sendo criança surda possa

aprender a sua língua materna. Referente ao desenvolvimento e aprendizagem da criança e da aquisição da linguagem é preciso destacar a importância da sua primeira língua como língua materna em língua de sinais na vida do aluno (QUADROS, 1997).

De acordo com autora que o ensino de língua estrangeira para surdos esbarra nas políticas de inclusão que defendem a presença e a educação do surdo nas chamadas “salas inclusivas”, em que o surdo estaria no ensino regular com ouvintes, apoiado por intérprete (MEDEIROS; FERREIRA, 2009). No entanto, apesar de o discurso da inclusão haver ganhado força nos últimos anos, o que ocorre, de fato, é praticamente um ‘abandono’ do aluno surdo na sala de ouvintes, onde ele não tem seus pares para interagir em língua de sinais, cuja relação interpessoal com o professor se torna dependente da presença do intérprete, muitas vezes sem a formação e o conhecimento necessários para ocupar o cargo de um intérprete educacional. Mesmo que o intérprete se revele eficiente e bem-formado, a ausência de um ambiente em que a primeira língua seja comum à coletividade, ocasiona um isolamento linguístico social, prejudicando o desenvolvimento real do aluno surdo. A partir daí percebemos então a deficiência de um ensino de LI voltado especificamente para o aluno surdo (XAVIER, 2014, p. 19).

Atualmente, pessoas que pensam continua o uso de tradicional no ensino de língua para surdos com mesma metodologia usada para ouvintes, refletindo os alunos ouvintes em relação aos surdos, sua cultura, sociais, sua identidade e o sentido que eles imprimem em seu percurso como surdo. Para desenvolver uma metodologia própria para o ensino de língua para os surdos, é preciso conhecer “aquisição da linguagem em língua materna”. A pesquisa de aquisição da linguagem no ensino de língua de sinais para o surdo, já se saiba que compara os alunos ouvintes, isto porque as pessoas tenham conhecimento o desenvolvimento da aquisição de uma primeira língua (QUADROS, 1997).

Para refletir na sala de aula que alguns professores tenham sua ideologia que o fracasso em geral da educação dos surdos deste momento atualmente o citado “o surdo não aprende”, ou “não quer aprender”, como digo que usam a metodologia tradicional. Pois é muito importante de utilizar com a relação ensino-aprendizagem da aquisição da linguagem. De acordo a autora Wanderley (2012, p. 52):

Muitos surdos sabem muito bem explorar essas informações, trazer informações, se expressar, organizar e o que fazer, mas quando chega à primeira aprendizagem na alfabetização de português, alimenta a vontade deles que os impede a escrever, compreender ou interpretar a leitura, mesmo que tenha conhecimento ou capacidades para saberem o que não sabiam, rotulando-os como preguiçosos, limitados ou com pouca inteligência. Assim, pode-se observar a importância que a língua de sinais tem, mas se percebe muitos limites nessa escrita, que é fragmentada, sendo que a abstração está na primeira língua e o registro é feito na segunda língua. Tudo isso limita este registro, que não ocorria da L1 para a L1, mas da L1 para a L2.

Então, a situação da escola de inclusão, as observações para o surdo não têm expectativa o desenvolvimento de aprendizagem, porque falta de interação entre professor e aluno, já que, em uma sala inclusiva entre no meio da oral, língua portuguesa, sendo sempre ajuda com a presença do intérprete como fosse professor porque sabe a língua de sinais.

3.2 Desafio do ensino-aprendizagem da aquisição da linguagem

O estímulo aos sentidos sensoriais auxilia no desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e emocional das crianças. Desenvolver e estimular os outros sentidos são considerados uma tarefa primordial. Com um olhar diferente para materiais e objetivos do dia-a-dia, é possível criar brincadeiras interessantes que estimulem as crianças de maneira diferenciada.

No entanto, para que seja possível obter êxito nas atividades desempenhadas, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem, é importante que os profissionais busquem qualificação profissional. Intervir e estabelecer a interação entre as crianças, visando as relações interpessoais diante as diferenças e igualdades sociais, culturais, afins.

Na sala de aula, são crianças com idade entre 2 a 3 anos, realizando atividades de estágio, observação, monitoria participação e docência incluindo crianças ouvintes e crianças com criança surda mostrando a importância da interação uns com os outros.

As metodologias para surdos, em desenvolver aquisição da linguagem da criança surda como primeira língua de sinais. Nas histórias narradas, interpretadas e dramatizadas, as crianças se identificam mais facilmente com os problemas dos personagens comparando assim com as suas vivências do cotidiano. Considerando

que as crianças estão crescendo e se desenvolvendo é de suma importância que conheçam o mundo que está a sua volta.

Como o objetivo de ampliar os momentos de contato com as crianças, fazendo com que elas relaxem enquanto escutam os contos e também quando brincam com os objetos sensoriais propostos, tendo contato com texturas diferentes, buscando conhecer novas formas de se divertir aprendendo.

Auxiliamos no desenvolvimento da linguagem da língua de sinais como expressam o classificador e expressão fácil e corporal com atividades relacionadas a leitura, instigando a estima pela leitura através dos contos e dos desenhos dos livros, criamos situações de interação com a leitura e a escrita através dos contos e das dramatizações realizadas no período de docência, exploramos os diversos tipos de linguagens, corporal e dramática, a fim de possibilitar diversas percepções, explorando diversos materiais e superfícies. Buscando sempre a interação e as brincadeiras como forma de mediação deste processo, de ensino e aprendizagem.

Para que possamos desenvolver melhor nosso estágio de observação, monitoria, participação e docência desenvolvemos um projeto visa trabalhar práticas de leitura e escrita de maneira lúdica e que proporcione curiosidade e interesse da criança surda, através dos contos infantis, narrados, dramatizados e contados para as crianças, seja em linguagem oral, corporal e língua de sinais.

Através dos recursos disponibilizados pela escola e materiais confeccionados por nós, iremos realizar várias atividades com a criança surda, permitindo que se expressa quanto aos contos lidos bem como deixar que manipulem os objetos sensoriais propostos.

Utilizamos os recursos disponíveis na escola: espaço físico, parede externa, livros de literatura infantil escolhido por nós, parque, latas de alumínio decoradas, bolinhas de tênis, sacos de corrida em formato de sapo, pincel, tinta guache, bexigas, tapete sensorial de TNT azul com detalhes em branco, esponja de louça, lã, canudinhos, palitos de sorvete, algodão, e outros similares, livros sensoriais, massa de modelar. Como formas de avaliação que mostra aconteceu através do desenvolvimento e do interesse da criança surda nas atividades propostas, dentro e fora da sala de referência, observarão a participação, criatividade, imaginação e expressões corporais. Incluindo os contos para criança surda que é importante de interação em língua de sinais pois mostra o desenvolvimento da aquisição da

linguagem que possa os contos/história e os livros. E com as crianças interagiram e se divertiram, cada uma contasse sua versão do conto e o que entenderam, elas contaram suas versões e interagiram muito entre elas, cada uma no seu mundo de imaginação.

Foram realizados ditados de classificadores onde os alunos farão a datilografia das palavras, ou bingo de palavras, sinais ou classificadores. Criamos os materiais e as atividades em LIBRAS. Para metodologias de ensino de Libras para criança surda e ouvintes. São experiências compartilhadas, metodologias criativas que surgem em sua maioria no dia a dia em sala de aulas, de acordo com a necessidade apresentada.

A proposta da atividade foi dividida em seções que descrevem as razões de ordem educacional, aquisição da linguagem e pedagógica para criança surda. Quando as atividades, objetivo é promover a aprendizagem da aquisição da linguagem como língua materna para aluna surda no contexto brasileiro. Sempre com o apoio do professor e interprete, o participante entrou em contato com atividades pela metodologia da educação de surdo e línguas de sinais que possa ajudar na criação de ambiente favorável.

Na metodologia da língua de sinais para aluna surda que a intenção é verificar a compreensão e reconhecimento, para aluna surda, dessas atividades e de formas de comunicação. E não a metodologia para ouvintes, pois necessita o conhecimento da cultura surda. Para pensar e diversas literaturas de ensino e aprendizagem e analisar as características e os métodos aproveitados durante a primeira relação da criança com surdas. Ao pesquisar sobre este tema compreende-se a necessidade que os autores têm de em definir a criança surda, são metodologias específicas para se pegar o envolvimento e o crescimento.

4 METODOLOGIA

A metodologia foi desenvolvida através da construção da aquisição da linguagem da criança surda, buscando compreender sua realidade, como compreender os problemas e situações do ambiente da escola inclusiva. Portanto, propõe-se comparar os dados metodológicos tanto do ensino como aquisição da linguagem da criança surda na escola inclusiva, quanto a relação desta criança com

o ambiente que ela está inserida. Foram realizadas coletas de dados teóricos, por meio de observação do ensino e aprendizagem com interações do professor, aluno surdo, interprete e ouvintes na escola.

Neste sentido, a pesquisa que propomos investigou a realidade e as diferenças de percepções dos alunos surdos sobre aprendizagem da aquisição da linguagem e da língua materna, por isso foram utilizados instrumentos pedagógicos diferentes com a pesquisa prática.

O cenário da pesquisa é composto por uma escola municipal da cidade de Sinop, Mato Grosso, localizada a 500 km da capital, Cuiabá. Para pesquisa ser a formação de docentes, nosso interesse as práticas (mala pedagógico) do professor relaciona com educação dos surdos. Dessa forma, o sujeito da pesquisa foi uma aluna surda, professora que leciona a interação com alunos, e seus intérpretes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da Libras para o pleno desenvolvimento da criança surda, conclui-se que a Língua de Sinais no ensino de meio ambiente propicia o conhecimento de suas capacidades, cognitivas e sociais e através de uma prática pedagógica bilíngue, oferece suporte às adaptações curriculares e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais da criança surda, favorecendo o aprendizado e desenvolvimento da prática de sua língua materna.

Certamente, o sucesso até aqui adquirido, deu-se pela sensibilização dos ouvintes, o desafio e a curiosidade em conhecer a Língua de Sinais. E, a cada dia aprender a língua de sinais. A necessidade de mais informação está chegando às casas, pais felizes e querendo aprender junto com os filhos, alunos e profissionais se cumprimentando na escola através de sinais.

Embora muitas ações sejam desenvolvidas, ainda se observam o afastamento de alguns professores. Enfrentar a diferença muitas vezes é mais difícil para o professor do que para o aluno. É natural que sem a LSB, Interprete ou aulas expositivas a tendência é de que fiquem isolados. O ideal seria que tivéssemos tudo isso, mas, temos o real e precisamos aprender a conviver com ele. O mais importante seria que todos percebessem que aulas expositivas, diferenciadas, não privilegiam apenas os alunos diferentes.

Através do ensino de meio ambiente em Libras a criança será favorecida com a inclusão e interação social, caso tenha atraso escolar o processo de alfabetização será facilitado com o ensino em Língua de Sinais, além de desenvolver a cultura oferecendo uma educação com a finalidade de ajudá-los desenvolver as habilidades e capacidades sensoriais, motoras e cognitivas, através de um trabalho em desenvolvimento bilíngue com estruturação da Língua Portuguesa, Libras e conhecimentos gerais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Marinheiro. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A senha do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BRASIL. Lei 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 25 nov. 2018.

CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves. Fundamentos da Educação de Surdos. *In*: FARIA, Evangelina Maria Brito de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (org.). **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. v. 1, p. 85-112. Disponível em: http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/fundamentos_da_educacao_de_surdos_1354887964.pdf. Acesso em: 27 nov. 2018.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. **Aprendendo com os erros**: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas. 3. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2015.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. *In*: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (org.). **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil**: um retrato multifacetado. Canoas: Editora da Ulbra, 2001. p. 214-230. Disponível em: <http://www.ronice.ced.ufsc.br/index.htm>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MEDEIROS, T. G.; FERREIRA, M. C. F. Política pública de inclusão e ensino de língua inglesa para alunos surdos: reflexão teórica e formação prática dos educadores. *In*: **Publicações da IV Mostra de Produção Científica**, 2009. Disponível em: <http://www.cpgls.ucg.br/ArquivosUpload/1/File/CPGLS/IV%20MOSTRA/EDUCAO/Politic%20Pblicas%20de%20Incluso.pdf>. Acessado em 12 nov.2018.

QUADROS, R. M. de **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SACKS, O. **Vendo vozes**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano 5, n. 24, p. 6-9, jan./fev. 2002. Disponível em:

https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA.pdf?1473203540. Acesso em: 28 nov. 2018.

SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC. 2008.

VILHALVA, Shirley. **Língua Brasileira de Sinais**: 121 anos de proibição da língua que sempre esteve viva para a comunidade surda. Florianópolis: UFSC. 2004.

VYGOTSKY, Liev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WANDERLEY, D.C. **Aspectos da leitura e escrita de sinais**: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes. Florianópolis: UFSC. 2012.

XAVIER, P. A. M. H. **A ostra se abriu**: percepções de alunos surdos sobre seu processo de aprendizagem de língua inglesa em um curso a distância. Cuiabá: UFMT, 2014.